

Trasanteontem
Crônicas

Astrid Cabral



Trasanteontem

Crônicas



Astrid Cabral

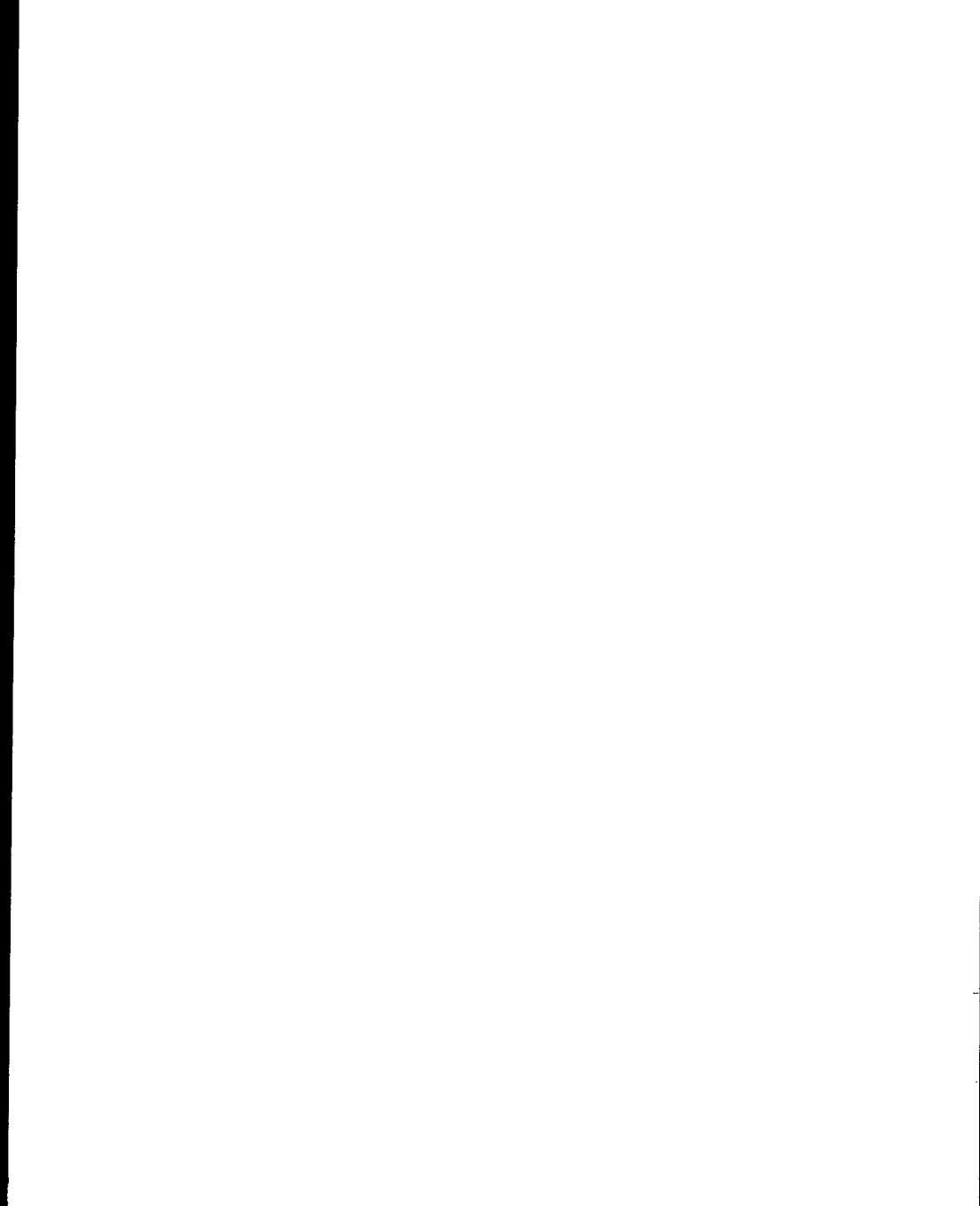
Soares Fatoza: crônicas que fiz ao sair de UMB,
tempos difíceis...
Um abraço

Astrid
Rio, 17.2.2020

Dedico este livrinho aos filhos,
protagonistas de algumas histórias:
Raul Antonio, Alfredo, Isabela e Giles.

Sumário

A origem das crônicas	5
Escuridão em dois tempos	7
Babilônia em Brasília	10
Desfile de sábado	13
O verdadeiro nome	16
Casa de frutas	20
O boicote doméstico	23
O fotógrafo e as nuvens	26
Cidades	32
Viagens	35
O tempo e os juro	39
Ah, os discursos...	43
Questão de linguagem	46
laranzuxo	49
O Grã Circo Norte-americano	52
Um Natal diferente	55
Três dias em um ano	57
Morte de Vivien Leigh?	60
A mini trouxa	63
A convivência com o poder	66



A origem das crônicas

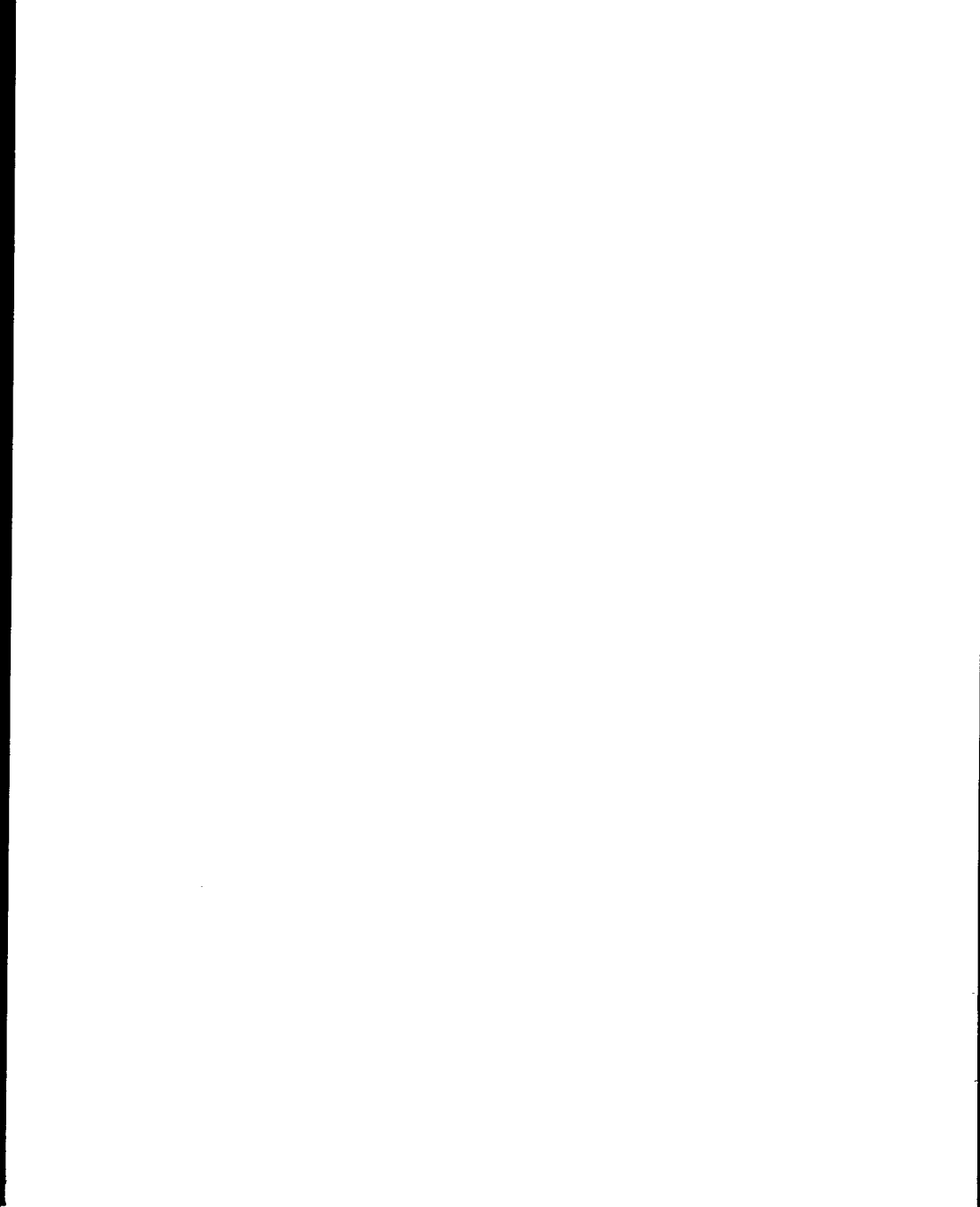
Quando, em 1966, tomei a decisão de abandonar o magistério na UnB, em protesto contra a ditadura, pela injusta cassação de colegas, recebi o convite do amigo e jornalista Clemente Luz para que escrevesse crônicas semanais para a rádio MEC.

A recomendação fundamental era de que evitassem o foco político e eu me restringisse a relatos de moradora e mãe. Nessa altura, além dos encargos familiares, ocupava-me com Afonso, de traduções para a Reader's Digest. Assim, dispondo de relativa disponibilidade temporal, não hesitei em assumir o novo compromisso.

Cumpre lembrar que a seleção destas crônicas de 67 e 68, que ora publico, silencia mais que conta a vivência pioneira de Brasília. São particularmente pessoais.

Ao cabo de uns cinco meses, desgostosa com a vida na vizinhança do poder, tomei a firme resolução de sair do Brasil e pus-me a frequentar um curso de direito preparatório ao concurso de Oficial de Chancelaria, já que, aos 31 anos, não poderia mais tentar ingresso na diplomacia.

Fui ao Rio de Janeiro prestar concurso no Instituto Rio Branco e, aprovada, assumi em 1968, funções no Gabinete do Ministro em Brasília. Vencido o estágio probatório, em começo de 1970, relativamente aliviada, fui removida para Beirute, de onde regresssei com a quinta filha, Mariana.



Escuridão em dois tempos

Naquela noite, quando a luz se apagou, o pânico tomou conta da casa. Corremos aos interruptores, levados pelo hábito, e os apertamos repetidamente, apelando para a velha solicitude das lâmpadas. De repente era como se teto, paredes e portas se houvessem engolfado no abismo. Sob nossos pés ainda sentíamos o chão, o pequeno espaço que nosso medo confinava. Mas, exilados, éramos estátuas sobre um pedestal no vazio.

As crianças puseram-se a choramingar no denso temor que tinham pelo escuro. E quem sabe também de fome, pois era hora do jantar.

Meio atarantada pela surpresa, lembrei-me da existência de uma lanterna. Mas onde? Vasculhei a memória. Em vão, nenhuma luzinha se acendia nela. A escuridão tinha disso, além de roubar o conforto de nossos olhos, como que amortalhava a gente por dentro. Pensei que qualquer tentativa seria temeridade. Era já noite fechada, de céu sem lua, e nenhuma esmolinha de luz chegava pelas janelas voltadas ao Eixo Rodoviário. Estávamos desarvorados. O choro das crianças recrudescia.

- Estou vendo um bicho peludo de orelha pendurada até o chão!

- Você não está vendo é nada, quanto mais bicho peludo.

Mas ele se aproximou de mim com a voz embargada: - Estou sim, olhe ali. Sua mão estava úmida, então eu disse: - Feche bem os olhos que eu vou enxotar esse bicho feio. Pronto, ele já foi embora.

Depois, quando as crianças começaram a se queixar de fome, censurei-me pela inércia, estava reagindo que nem meus filhos. Num gesto decidido, investi-me na posição de adulto e saí tonta pela casa, apalpando paredes e portas no rumo da cozinha, até que fui dar com a mão na talha do filtro e de lá me orientei, conseguindo abrir uma gaveta. Há muito tempo guardara lá dentro uma vela e uma caixa de fósforos. Toquei num objeto liso, cilíndrico, e me disse esperançosa: só falta o fósforo. A essa altura lembrei-me que as havia posto no alto do armário para evitar que as crianças mexessem. Fui até lá, acendi um palito e vi que a vela não passava de uma peça de plástico dos infinitos brinquedos desmembrados e decapitados com que se tropeçava na casa, mesmo durante o dia. No entanto, de fósforo aceso, abri apressadamente outra gaveta e dei com a vela, um toco de efêmera serventia. Entronizei-o no gargalo da primeira garrafa disponível e fechei a porta da área para que o ventinho da noite não açoitasse a chama preciosa. Sentei as crianças em torno da mesa e servi-lhes o jantar. Pude ver que ainda respiravam ofegantes e estavam de pestanas molhadas, embora de seus olhos não mais escorressem lágrimas. Ao fim do jantar a vela é que agonizava em gotas de cera.

Mais tarde, a algazarra das crianças cedeu lugar ao sono e ouvi gritos de alguém preso no elevador. Desci cambaleando três lances de escada à procura do porteiro para socorrer a vítima.

Muito tempo se passou depois daquela noite em que o susto tomou conta da gente e até dos cachorros que, não sei se por simples coincidência, latiram mais forte.

Agora o black-out se incorporou à rotina. Entre seis e oito horas da noite, ninguém se aventura nos elevadores. Enfrenta as escadas de lanterna no bolso e se consola pensando que um pouco de exercício nunca fez mal a ninguém. Comprar velas passou a figurar nas listas de rancho ao lado do feijão de do arroz. Em muitas casas já se instalou o candeeiro e os castiçais se multiplicaram.

As crianças não mais se apavoram. Batem palmas, cantam parabéns pra você e se desafiam a ver quem sopra a vela primeiro. Fazem mágicas de cortar a chama com os dedos e com palitos de fósforo incandescentes brincam de boca-de-fogo.

Para alguns é muito distinto, muito inglês jantar à luz das velas. Para outros, isso lhes evoca a distante infância rural. Mas todos dizem que a cidade está crescendo, que somos testemunhas desse momento histórico, o que não deixa de ser um modo de iluminar o escuro.



Babilônia em Brasília

Tenho vontade de sacudir a monotonia da paisagem como quem sacode os cabelos ou a poeira da roupa.

Não fosse o céu de Brasília, o que faria eu? Circulo entre ruas uniformizadas, visito gente que mora em apartamentos padronizados, e por onde passeiam meus olhos é sempre o mesmo panorama de cubos de cimento e pirâmides ao sol. Vale a beleza das arestas que ferem o azul como lâminas de faca, mas sofro saudades de outras paisagens, as lombadas roxas dos morros, o casario irregular, a sombria silhueta das florestas recortando o chão. Revejo-me debruçada em sacadas de seculares arabescos, em convívio com o mofo, a ferrugem e os telhados. Debaixo deles há uma história que procuro ler. Perdida em ruas labirínticas e estrangulada em travessas exíguas, acho-me num espaço de dois tempos. Com alguns passos, transporto-me da confeitaria belle-époque a um bar do século XX, com todos os seus aços e elétricos. Palmilho por calçadas gastas ouvindo o rumor de outros passos e o roçar de roupas. Um calor aprazível emana dos corpos que se movimentam ao longo das ruas e fluem no leito das horas como estranhos rios humanos.

Mas eis-me blindada entre as paredes de um carro que escorre pelo Eixo Rodoviário, bamboleia entre canteiros e gira por trevos gramados. Sinto-me num ataúde, falsamente protegida por camadas de lata e vidro. Embalde procuro o som de vozes, pois o que ouço são buzinas ou o ranger de freios

tomados de susto. No silencioso percurso de rodas, inexistem os encontros fortuitos entre as pessoas.

Lanço meus olhos à distância, feito enorme rede de pescar atirada às ondas e recolho as fotografias de sempre. Quisera o imprevisto, a cidade multiforme. E ei-la imutável. Os espaços vazios podem desde já serem preenchidos na expectativa, na certeza de que a norma será obedecida em respeito à preservação do mesmo ritmo plástico. À cada vão, presenteou-se sua futura imagem. Céus, tanta ordenação põe a gente maluca pelo caos! Previsões e planos têm a dura contraparte de exilar a surpresa. Por isso é que, de início horrorizada com a possibilidade de que o colosso de Niemeyer e Lúcio Costa pudesse ser profanado algum dia, sorrio aliviada com as exceções à regra que começam a brotar timidamente na periferia da cidade. Chego até a ansiar pela profecia pessimista do amigo Samuel Rawet : Dia virá em que nesta mesma cidade serão construídos castelos góticos.

Assim foi que apareceu, em pleno campo, um acampamento de maloca pele-vermelha. Também não tardou o domingo em que me deparei com o anúncio do Correio Brasiliense: "Vende-se casa em antigo estilo babilônico..."

Tomada de desenfreado entusiasmo precipitei-me rumo àquela sugestão de Ásia em pleno cerrado. Num exercício de imaginação procurei visualizar a casa. Reminiscências de ginásio levaram-se aos jardins

suspensos de Semíramis, às lajotas da biblioteca cuneiforme, aos azulejos de Nínive. O nome de Assurbanipal ecoava em meus ouvidos quando chegamos.

Isolada, a extraordinária casa escondia-se entre pés de casuarina, como a pedir perdão pela irreverência ao estilo oficial.



Desfile de sábado

Apanhei o pincel atômico e escrevi com a letra insubordinada de quem não fez caligrafia, mas ainda assim legível: Não compro nada na porta. Favor não amolar.

A seguir, coleí o aviso na porta de entrada e na dos fundos do apartamento. Havia um tom meio atrevido no meu aviso-pedido, uma espécie de protesto que talvez comprometesse sua eficácia. Mas eu estava convicta de que a tranquilidade só podia ser conquistada a golpe de atrevimento. A vida inteira usei de gentileza (o saldo de muitos cascudos na meninice) e sorri não de hipocrisia mas de puro medo de magoar o outro. Contudo, a própria vida foi me tornando impaciente e me fazendo ciumenta do tempo.

Ora, naquela manhã de sábado, que eu reservara para uma inspeção nas gavetas (os velhos papéis eram tantos e já tão antigos que eu me perdia entre eles, fuçando escombros do passado, que, graças a minha desmemória, eu mesmo me perguntava se eram meus), era a terceira vez que a campanha tocava.

— Quer queijo de Patos?

-- Nem queijo, nem patos, nem galinhas, e fechando a porta veio-me a ideia de colocâr o aviso. Afinal não tinha um cristão o direito de ficar quieto em casa, aninhado na sua solidão e no seu silêncio?

Primeiro, o engraxate a domicílio arrebataram-me de um passeio na saudade. Não me importei muito. Talvez fosse salutar botar a nostalgia de banda. Quem sabe, sem a interrupção, até onde a vertigem me levaria.

Depois, surgiu o mascate com a maleta estufada de meias de nylon, blusas de banlon, saias de tergal, além de quinquilharias várias. E eu, ainda de bom humor, achei graça num mascate não ter burro de carga e andar de elevador. Quase lhe perguntei pela matraca dos mascates seus avós. Mas a tempo me lembrei da campanha - seu atual meio de conclamar a freguesia. Despachei-o sem constrangimento, e com um sorriso formal amaciei a recusa.

Depois que preguei os bilhetes nas portas, pensei comigo: Não haverá a quarta vez. Mas, como num desafio a campanha tornou a tocar. Então pensei: Faz de conta que sou surda. A insistência porém derrotou minha pseudo surdez. Ao abrir a porta dei com um rapazinho.

- Dona, tem garrafa e jornal pra vender?

- Não leu o aviso? perguntei-lhe abruptamente.

- Sei. Diz que não compra, mas quem sabe não vende?

- Aqui em casa não é loja, nem mercado, nem armarinho, nem armazém. A essa altura, é claro, eu já fervia de raiva. No entanto, graças à pequena quota de humildade, reconheci que o aviso estava omisso. Apanhei novamente o pincel atômico e

emendei acrescentando: Não **compro**, nem vendo, e voltei ao meu afazer tantas **vezes** perturbado. Lá se tinha ido boa parte da manhã **naquela** brincadeira de mau gosto. Com um pouco de **afinco** talvez esgotasse o meu programa matinal. Então **me** pus a ler, guardar e picar os velhos papéis, conciliada com os contratemplos. Ninguém mais viria me chatear - e a perspectiva de paz vinha misturada a um sentimento de triunfo. Encontrara um **meio** de contornar o problema. A paz, entretanto, **com** letra maiúscula ou minúscula, sempre foi uma ilusão de segundos. Trim-trim-trim. Precipitei-me num **acesso** de furor. Isso era um ato de violência, e **quem** se armava a cutucar o bicho no seu buraco, **contasse** com a dentada. Fui abrindo a porta e apontando **para** o bilhete.

- Não sabe ler?

- Minha cabeça nunca deu **pra** isso.

Então, resignada, na **mesma** hora rasquei o aviso inútil. Da próxima vez, **com** certeza, viria um cego pedir esmola. E o bilhete **sempre** seria omisso. Havia os que pediam pão e **os** que pediam dinheiro, os que batiam em porta **errada** e os moleques do prédio que tocavam e **desapareciam** de malandragem.

Começava a odiar a **campainha**, a eletricidade, o próprio Thomas Edison, **quando** a solução se insinuou simples. Fui à chave **geral** e desliguei o serviço. Fiquei me consolando **dizendo**: hoje em dia ninguém mais bate palmas **para** chamar gente.

O verdadeiro nome

Na quente manhã de setembro, o homenzinho empertigado e formal bateu à minha porta.

- Minha senhora, ele disse, trata-se de uma visita muito importante.

Trazia uma pasta de couro, e, ao deparar com ela, a experiência me segredou: representante de produtos de beleza ou artigos de contrabando. Então, perguntei exata e direta, sem dar chance às costumeiras palavras moles.

- De que se trata? Mas ele pareceu desconsertado e atalhou: - Não é nada do que a senhora está pensando (e antes que eu pudesse me defender do engano, verificando se realmente ele sabia o que eu estava pensando), venho lhe comunicar um acontecimento deveras importante, que nesta mesma manhã está ocorrendo em todo o mundo. Na Austrália, por exemplo.

Sempre fui curiosa e sinto deleite em decifrar charadas. Assim sendo, como boa menina, entrei no jogo sem mais birra. A evocação da Austrália povoara-me a cabeça de cangurus e os cangurus sempre me comoveram com aquele andar desajeitado. Como permanecesse silencioso, percebi que esperava de mim um gesto de cordialidade que permitiria encetar o diálogo. (Final não se tratava de nenhum moleque de recado e, pelo visto, a ocasião requeria solenidade).

- O senhor não quer entrar? Indaguei, enquanto apontava o sofá no fundo da sala. Ele agradeceu e me disse que os mensageiros precisam de repouso, pois vêm de longe e muito têm a caminhar. - Muito obrigado, irmã.

Imediatamente, sob a revelação da palavra irmã, tudo o mais se esclareceu. E eu me censurei do logro. Minhas interrogações voltaram-se para questões classificatórias. Talvez porque fosse sábado, a primeira hipótese foi tratar-se de um sabatista, logo depois, por lógica associação, presbiteriano, mórmon, testemunha de Jeová... Há muito tempo que essas visitas me aparecem, mas, às vezes, o faro da gente se embota e, a despeito de haver jurado que isso não me aconteceria mais, e de, há alguns meses, haver convidado o americaninho de Salt Lake City a regressar aos Estados Unidos e deixar o Brasil em paz, lá estava eu de novo alvo de catequese.

Devidamente instalado no sofá, o irmão sentiu-se num púlpito e perorou largamente sobre as heresias que assolam o mundo e as iniquidades que escravizam o homem. E apontou como a fonte de todos os males a humanidade haver esquecido o verdadeiro nome de Deus. Eis por que, naquela manhã, missionários, no mundo inteiro, levavam aos lares, seu verdadeiro nome. Então eu lhe disse que ninguém pode se esquecer do que nunca soube, ao que ele me fitou tomado de espanto e, quase se erguendo do sofá em movimento de protesto, perguntou:

- Acaso a senhora nunca leu as Escrituras?

Fiz que sim com a cabeça e informei-o de que, em tempos idos, eu já havia folheado também com interesse algumas páginas do Alcorão.

- Se a senhora já leu as Escrituras deve saber que o verdadeiro nome de Deus é Jeová ou Javé. Ao que eu comentei, o senhor quer dizer que são dois o verdadeiro nome? Ligeiramente desorientado com a observação, logo retomou a eloquência: O caso, minha senhora, diga-se que o hebraico não possuía vogais. Trata-se de língua morta e, por conseguinte, ninguém sabe como se pronunciava ao certo o nome de Deus.

- Pelo visto o senhor está confundindo a língua hebraica com a escritura hebraica. Ele arregalou os olhos e perguntou o que eu estava pretendendo dizer. Resolvi assumir uns ares didáticos, que sempre me são penosos, mas eu sabia que, para quem não gosta de raciocinar, a autoridade impressiona, assim de pronto me apresentei como sendo professora de português e estagiária de linguística aplicada. Então passei a considerações sobre a impossibilidade orgânica de línguas faladas sem a existência de vogais, já que as consoantes precisam de apoios vocálicos. Comentei a confusão que muita gente faz de língua com escrita e pedi a ele que, a bem da verdade, dissesse que os hebreus não costumavam grafar as vogais, daí a flutuação entre as duas pronúncias.

Fiz uma pausa e o missionário-mensageiro aproveitou para dizer que aquelas questões não tinham importância, embora eu pudesse ter minhas razões. Por sorte, naquela manhã evangélica, eu

estava bem humorada: — Como não tem importância? É um problema como o seu, nitidamente linguístico. Suponhamos que os hebreus chamassem Deus por apenas um desses nomes. Qual seria o verdadeiro? Se os próprios hebreus usavam indiferentemente Jeová ou Javé, porque não admitir que diferentes povos o denominassem conforme suas línguas? Por que um hotentote ou um tibetano chamará Deus em hebraico?

Calou-se e, abrindo a pasta de couro que desde a entrada me intrigara, mostrou-me dois livros dizendo que todas as perguntas ali estavam respondidas pelo módico preço de NCR\$ 3.00. Encarei a oferta como escapatória ao debate. Só que outro propósito que assumira foi o de reduzir a compra de livros. Comprava mais do que dava conta de ler. No entanto, talvez com pena de vê-lo trabalhar em pleno sábado, aquiesci em comprar pelo menos um. O Novo Testamento, já possuía em duas edições.

Quando lhe estendi o dinheiro pela compra do Velho, disse-me que se alegrava que eu estivesse convencida da importância do verdadeiro nome de Deus. Foi aí que estraguei a ilusão dele.

— O senhor sabe, para mim todos os nomes de Deus são verdadeiros quando pronunciados com amor. Não se lembra o senhor do que diz Shakespeare, uma rosa não deixaria de ser rosa se tivesse outro nome?

— Não conheço esse sujeito, mas lhe garanto que é um idiota. Não sabe de nada, irmã.

Casa de frutas

Ao chegar à casa de frutas da quadra, a manhã não atingira seu clímax. O sol ainda não secara o orvalho e resquícios de madrugada boiavam no ar. Era até bom sentir aquele friozinho discreto abraçando a gente.

A frutaria dos japoneses vendia também legumes e verduras, o que estava dentro da lógica das coisas, visto o parentesco das mercadorias. Na calçada, a camioneta acabava de descarregar as últimas caixas e as prateleiras, recém-arrumadas com hortaliças plenas de viço, davam a ilusão de opulentos canteiros.

Vi gotas d'água cintilando nas veludas folhas de couve, verdíssimos espinafres atados com tiras de palha dentro de imensa bacia de alumínio. Uma festa para os olhos! Imponentes abóboras de longos pescoços esparramavam-se lânguidas a um canto no chão. Havia acelgas crespinhas, eriçadas maxixes, quiabos novinhos de buço, repolhos encolhidos em seus pudorosos embrulhos. Arrumadinhos dentro das caixas, repousavam os pêssegos pintados de sol, as translúcidas uvas Itália, os figos desabrochados expondo o doce rosado de seus âmagos num autêntico convite à gula. E lá estavam abacates e mangas, catalogados em diferentes preços conforme tamanho, qualidade e grau de madureza; bananas matematicamente divididas em dúzias, melancias partidas resguardadas por papel celofane, mamões de cascas já carimbadas com os respectivos preços.

De repente, no meio daquela envolvente cena, meus olhos passeando no vermelho rútilo dos tomates maduros, no pleonástico alaranjado das laranjas, ora no calmo verde dos chuchus, ora no intenso dos pepinos, minhas mãos apalpando o suco generoso escondido na redondez dos limões, boca em êxtase na véspera dos mais sutis sabores - me entristeci. Fui murchando, que nem aquelas mesmas hortaliças restantes murchariam ao fim da tarde. A porta estava aberta e o ambiente era arejado. No entanto, sentia-me oprimida. Inclusive a amabilidade dos vendedores me deixava em crise. No momento em que tirei o dinheiro da carteira senti-me cúmplice e mais que depressa afastei-me dali com o peso das cestas de compras feito um fardo.

Oh dilacerante saudade dos quintais! Suas sombras, estações e pássaros amoitados nas copas. Naquele tempo, sim, existiam frutas, e as frutas eram a apoteose das flores, a mais completa glória dos botões sob o sol. Disputávamos com os pássaros a doçura das polpas. Tínhamos saquinhos de papel para vestir goiabas e cajus, a fim de afugentar os ávidos bicos de periquitos e maritacas. Tínhamos longas varas com paneiros na ponta, para colher as mangas sem machucá-las. E replantávamos os caroços espreitando o momento em que rompiam do chão em promessas de novas frutas. Era com presentes de frutas que manifestávamos amizade aos parentes, vizinhos e pessoas gratas. Chorávamos quando o temporal derrubava as frutas ainda verdes. Nosso calendário rezava: tempo das mangas, tempo das pitangas, tempo das pitombas etc. Amávamos as árvores que víamos nascer dos caroços. As lindas

goiabeiras cujos troncos e galhos escapavam feito cobras. Dizíamos: Não sobe nesse galho que ele pode quebrar! Não havia na advertência o medo da queda, mas um esquisito cuidado, espécie de ciúme de que a árvore permanecesse intacta, braços sempre abertos ao céu. Ah mamoeiros apões e bastas mangueiras carregadas!

Naquele tempo, um abacate era um presente, dádiva que terra, sol e chuva urdiam lentos e em segredo. Para comê-lo a gente se associava ao ritual da natureza, plantando e regando com fé e paciência. As bananas amadureciam nos cachos sem a precipitação mercantilista das estufas e a degradação no carbureto.

As frutas tinham sido aviltadas ao assumirem a condição de mercadorias. O mundo mudara e, por mais que relutássemos em admitir, estávamos exilados da natureza. Era a aguda consciência desse degrado que me doía.

Essa história de fim-de-semana na chácara, de passeios pelos sítios, era paliativo com que tapeávamos nossa nostalgia, a saudade dos velhos quintais!



O boicote doméstico

E eu que tinha o boicote como algo que ocorria em nível internacional e sob recomendação da ONU, de repente me dei conta de que ele podia ocorrer ali perto de mim, no meu mundinho de alguns metros quadrados. Pois foi o que aconteceu.

Cheguei em casa sôfrega e corri à máquina de escrever com a velha ânsia de botar no papel certas fantasias, aproveitando a rara dádiva de meia hora de paz e silêncio enquanto as crianças não haviam chegado do colégio. Quando pus os dedos na máquina, ela não se moveu. As letras, estáticas, não atendiam à impaciência dos meus dedos que ficaram a martelar, na vã suposição de que a teimosia das teclas pudesse ser vencida a golpes de pertinácia. Também o carro da máquina não se dignava ao menor movimento de deferência. Com a nula vocação mecânica que Deus me deu, a única coisa que pude fazer foi constatar que a máquina estava enguiçada mesmo.

Lembrei-me então de que o pianinho da minha garota havia pifado e, com certeza, ela recorrera à minha máquina na mais inocente das intenções. Resignei-me e saí à caça de um lápis.

Eu costumava guardá-los sob sete chaves num pote do armário, mas depois que o esconderijo e as chaves foram descobertos, senti-me obrigada a

filhos que aqueles eram os "meus" e que, portanto, deviam ser respeitados. Tempos depois quando precisei de um e não encontrei nenhum, renovei o estoque e coloquei-o no guarda-roupa, dentro de uma caixa velha que abrigava retalhos, miçangas e miuçalhas. Mas o reduto não era inexpugnável e eis-me novamente sem lápis para um risco, entre paredes e portas rabiscadas.

Minha casa tem isso de fantástico: os lápis e os pentes voam e pousam sobre inimagináveis locais. Já encontrei pentes dentro de livros e junto aos talheres, lápis na geladeira e no fogão. Depois de muita luta, estou convencida hoje em dia de que para tamanhos desmandos a única saída é bom humor.

À falta de um lápis e de tinta na caneta, resolvi ler um pouco, solução que costuma ser razoável. A escolha do que ler é que pode ser difícil e angustiante. Acorda na gente os complexos da falta de tempo e da curta duração da vida. Como escolher entre Proust e Joyce? Naquele momento, porém, foi fácil decidir. Na semana anterior eu havia começado a ler o conto Walter Briggs no Pigeon Feathers, de John Updike. Fui direto à prateleira da mesa de meu quarto e, depois de revistar pelas circunvizinhanças, inspecionar debaixo da cama e atrás de um móvel, convenci-me de que aquele pombo, cômico de sua natureza alada também voara. O mais difícil era descobrir seu paradeiro entre mais de três mil livros. Mas a intuição, minha lanterna em qualquer treva, indicou-me o caminho. Comecei por revistar os

guardados e pertences da meninada. Vasculhei escaninhos e abri pastas. Folheei revistas e cadernos. Remexi o tacho de cobre recanto-mor da bagunça. Lá estava o Pigeon Feathers! Quase bati palmas nesse instante de surpresa e alívio. Ali estava, incólume, a obra-prima de Updike e a delícia de meus próximos e já contados momentos.

Ao abrir as primeiras páginas, meu coração cambaleou: Walter Briggs fugira do livro. Se o meu caçula soubesse inglês, eu diria que ele depenara aquele pombo obedecendo às sugestões do próprio título. Na verdade o que sabia fundo era o mecanismo da sabotagem. Há dias que eu andava pela casa com o livro debaixo do braço à cata de uma horinha de calma para travar conhecimento com Walter Briggs. Mas um dos meninos gritava:

— Mamãe, lê meu Tio Patinhas. O outro se esgoelava lá do banheiro: — Mamãe, cadê a toalha? E o menorzinho, autor oficial da depenação, aboletava-se no meu colo arrebatando-me os óculos e jogando o livro longe, como se fosse redondo feito bola.

A refazer-me da pena (o livro era tão em folha e bonito além de raro nas livrarias!), a campanha tocou, a porta abriu-se e o meu momento de sossego e gozo rasgava-se ao som de vozes e gritos.



O fotógrafo e as nuvens

Inesperadamente, ele se ajoelhou em plena praça, em pleno dia, arrebatado.

- Aquele cardume ficará magnífico em branco e preto.

Surpreendi-me com a atitude quase mística, pois, engolfada em preocupações terrenas, meu enfoque era puramente terrestre. E o que via eram estátuas, pombas, as domésticas pombas do Judiciário, empoleiradas no Palácio, tomando sol, todas soberanas.

Imitando-o, enderecei os olhos para o céu e me extasiei com a procissão de miúdas nuvens oblongas. E como ele me falasse de peixes nadando no espaço, lembrei-me do estranho arquivo de Ford: o dos acontecimentos impossíveis. Lá estava, devidamente anotada, uma chuva de peixes e com ela a sugestão de um mundinho irmão gêmeo do nosso, despencando-se pelo espaço e precipitando seus oceanos, mares e rios. Mas, naquele momento, os peixes que víamos eram realidade metafórica, tão importante quanto a outra. De fato, o céu ostentava a plácida redondez de um aquário onde lerdos cardumes nadassem em câmara lenta.

Em seguida soltou seu desabafo: - Pode haver coisa mais insípida que um céu azul?

A indagação que, à primeira vista poderia parecer desses anticonvencionanismos proposita-

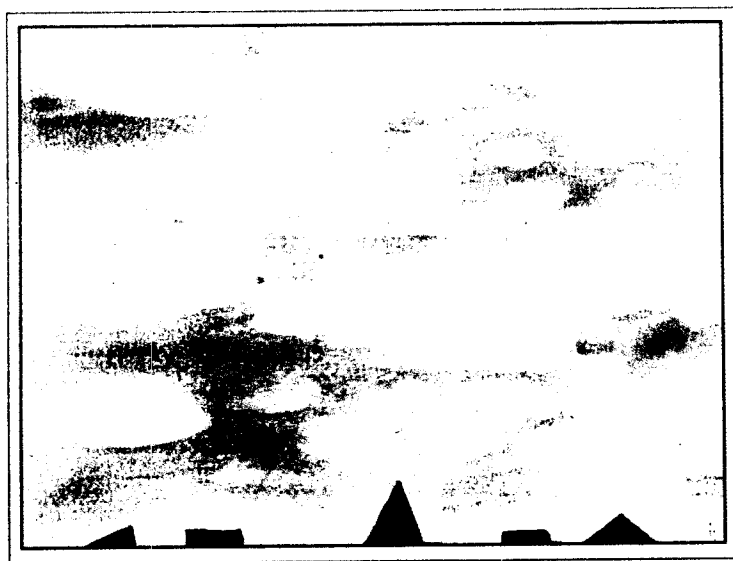
damente sensacionalistas, era a autêntica e coerente maneira de ver de um fotógrafo. As nuvens eram o elemento plástico por excelência. A elas cabia toda a dramaticidade dos céus diurnos. Assim como um ficcionista não se comoveria com uma história de amor perfeita, exigindo elementos de tensão e conflito, o fotógrafo pedia nuvens. Aquelas peripécias de flocos de algodão é que faziam o céu inédito a cada hora, o céu de hoje diferente do de ontem, incomparável com o de inda agora e o de daqui a pouco. Pois não é que os peixes se haviam metamorfoseado num rebanho de carneiros? E os carneiros pastavam entre montanhas que há pouquinho eram taludes?

Longe, na direção da Torre, a massa parda e pesada, imponente e cinzenta como uma manada de elefantes exilados, vinha avançando em conquista da cidade, prometendo um denso reposteiro d'água. As nuvens eram também o elemento profético da atmosfera. Àquela hora, pensava eu, muitos guarda-chuvas deviam estar sendo convocados.

Onde estávamos, porém, o sol ainda dourava o alvo lombo dos carneiros e o costado das montanhas. Foi quando descobri um dromedário e testemunhei o instante em que virou camelo, pois nítida desenhou-se uma segunda corcova. Então tive uma ideia de pura reminiscência infantil. Tirei da cabeça o lenço branco com que defendia os cabelos do açoite do vento e ofereci ao fotógrafo.

- Vamos, aproveite o cenário. Coloque o lenço à beduíno e cavalgue aquele camelo. Agora quem é fotógrafo sou eu. Revivia o dia em que eu voara, sabe-se lá há quantos séculos, na janelinha de retrato de um fantástico zepelim de papelão.

A pena é que, ao conseguir manobrar a máquina, o camelo havia fugido por não sei que trilha do infinito, a claridade arrefecera e a chuva caminhava em nossa direção.



Uma foto

- Faltam dois retratinhos 3x4, disse a professora ao devolver os documentos para a matrícula do menino.

Olhei-o com espanto, tentando enquadrar-lhe o rostinho miúdo e indefinido no cercado daquela formalidade. Estava chocada com o absurdo de um retratinho de identificação para aquele rosto instável, capaz de assumir as expressões mais inesperadas ao longo de uma simples meia hora e trabalhado ao mesmo tempo pela pujança que o fazia crescer além das roupas e dos sapatos.

De certo modo era um ingresso no mundo dos adultos, empedernido e estático em sua arquitetura de arquivos estufados de pastas e fichas arquivadas em escaninhos. Por isso, a pena insinuando-se em mim, tomei-lhe a mão que de tão pequena se escondeu na minha e lá nós fomos pela cidade cumprir a norma.

Sob o rígido sol da tarde o menino acalentava a expectativa de um retrato numa casa de retrato - afinal uma novidade! - enquanto eu me empenhava em recalcar o instintivo medo de fêmea que vê sua cria de algum modo ameaçada. Além disso, me tornara nostálgica das sungas e cachos aposentados e revia, de garganta travada, a chupeta que secava, murcha e empoeirada dentro de um vidro. De repente, foi como se uma revoada de retratos passasse por minha cabeça. Pelo caminho ainda agreste da cidade nova,

o menino desprendia-se de mim para arrancar as modestas florinhas do cerrado, mas, quando se acocorava, podia vê-lo menor, de fraldas ainda, dentro de outra paisagem mais verde. Depois, quando esmagou com o sapato um séquito de formigas apressadas, o que vi não foi seu rosto de tranquilo triunfo, mas outro vermelho, amarrotado de lágrimas e desconsolo, a estender a mão ferroadada de uma abelha.

Já na W3, os transeuntes e os carros jogaram uma poeira de alegria em meus olhos, e tantos pedaços de cores distraíram o passeio do menino, recém-iniciado em chamá-las. Aos poucos, o calor da tarde vergou-lhe o entusiasmo e desanimado ante a interminável rua, interrogava seguidamente se ainda estava muito longe.

A japonesa nos mandou subir a escada, o ateliê é em cima, esclareceu. O menino cansara-se e seu bigodinho de suor me comoveu. Policieei-me para não tomá-lo no colo reivindicando meu ciúme contra aquele mundo em que ingressava com a afirmação de suas pequeninas pernas.

Ao rumor de nossos passos, um japonêsinho emergiu a cabeça de dentro de uma máquina, pedindo que aguardássemos, e voltou a se cobrir num manto preto. Em poucos instantes o menino era entronizado numa cadeira de braços pernalonga.

Tanta solenidade o deixava com olhar assustado e a boca trancada engolia um beicinho. O japonês avançava, acomodava-lhe o rosto inquieto,

suspendia-lhe o queixo, recolhia-se sob o manto preto. Mas o queixo do menino era teimoso, arriava de novo.

- Olha o passarinho, disse ao disparar o flash.

O menino, ainda virgem dos velhos chavões, dialogou:

- Aonde? Não vi nenhum.

Semana depois, ao apanhar o retrato: - Veja, minha senhora, é uma pena, a fotografia não prestou. O menino saiu de boca aberta.

Sorri aliviada com a inexperiência do fotógrafo. O menino estava salvo, pelo menos daquela vez.



Cidades

Uma cidade se transforma mais depressa que a alma de um homem, escreveu Baudelaire. E o que, a princípio aceitei em nome da autoridade do poeta, à medida que os anos passam, vou confirmando com meus próprios olhos. Herdei de meu pai, marujo de sete mares, a atração pelas viagens, a inquietude, o não lançar raízes pelo chão. E os deslocamentos, as idas e vindas arregalam nossa visão. Vão nos mostrando o que não conseguimos ver, entorpecidos pela rotina.

Não sou tão velha, mas, de vez em quando já posso dizer: antes não era assim. A Manaus da minha infância e adolescência não era essa de hoje, com asfalto e automóveis deslizando sem cessar pelas ruas. Lembro-me dos paralelepípedos cinzentos, alguns até rosados, dispostos com simetria e o mato rebelde brotando viçoso entre eles. A prefeitura tinha turmas de trabalhadores que cavoucavam entre as pedras sapeando o mato com instrumentos rústicos. A carroça de gelo e a de verdura atravessavam as ruas em meio a um barulhinho de sino e cascos de cavalo. E passavam bondes com reboque fazendo dem-dem-dem sob o alvoroço da meninada.

As vitrines das casas de comércio padeciam de uma ingenuidade gaiata, até mesmo comovedora, com peças de pano estendidas pelo chão, sombrinhas com pretensões a paraquedas, penduradas abertas com profusos fios que desciam do teto.

Pela manhã, os carvoeiros apregoavam e, de noite, acendiam-se os Aladins a querosene. A energia elétrica era tão fraca que os postes pareciam sustentar brasas. Os poucos cinemas funcionavam com sessões marcadas e alto-falantes voltados para a rua. O tico-tico no fubá era o prefixo musical que convocava os espectadores para o começo do filme.

Aos domingos havia coreto e vai-e-vem de namorados na Praça da Polícia. Sorvete era a novidade que concorria com o rala-rala, raspas de gelo sobre as quais se entornava o xarope de guaraná ou groselha.

O Rio dos meus tempos de universitária, de 55 a 58, também não é o Rio de hoje. Havia os bondes - o Laranjeiras, o Águas-Férreas, o Jardim Botânico, o Praia Vermelha, que nos davam a fresca e o repousado ritmo para contemplar a paisagem. O aterro da Glória, sem jardins de Burle Marx, Monumento ao Pracinha e Museu de Arte Moderna, era um mero aterro com montes de pedra e areia, assaltantes e ameaças de crime. Lembro-me de um parque de diversões acampado lá, com rotor, dangler e outros brinquedos diabólicos. Mas, como os circos, logo arribou, eclipsando a orgia de luzes e alegria dentro da noite. Então, sabia à aventura apanhar sereno no aterro, passeando entre as gigantescas manilhas onde se ocultavam malandros, mendigos e casais afoitos.

Copacabana era mais esfuziante, suas noites mais claras sem o racionamento paralisando

elevadores e anúncios luminosos, estrangulando festas.

As chuvas não alarmavam, conferiam atmosfera de recolhimento e até de gratidão pelo calor que amenizavam. De noite, os luminosos multicores da cidade multiplicavam-se pelo chão do asfalto molhado e nas poças das calçadas. O desmoronamento nesse bairro do Edifício São Luís, em 58, um episódio isolado e imprevisível.

A Brasília que conheci em 62 não é essa de 67. Do meu edifício recém-construído na 114, o horizonte espraiava-se monótono e nu, e se podia contemplar os carros até eles se confundirem, minúsculos, na linha de encontro da terra com o céu. Agora, o imponente casario de uma dezena de edifícios já interrompe a paisagem. A poeira, que ainda era muita, vai pouco a pouco sendo soterrada sob o gramado dos trevos e os jardins das quadras.

Na W3, as árvores já propiciam sombras. Os veículos se multiplicaram tanto que a carona, outrora uma amável instituição entre os moradores (oferecia-se a desconhecidos), voltou a funcionar apenas entre amigos. E já temos Torre de Televisão, o Palácio do Itamaraty, o Hotel das Nações, e muitas outras coisas que em 62 estavam no papel.

As cidades se transformam mais depressa que nós. Só embalsamando-as na memória perpetuamos a efêmera transformação.

Viagens

Nos tempos de meu avô menino, e lá se vai mais de um século, viajar no interior do Brasil era um afazer moroso e primitivo. Havia uma enorme falta de recursos. O hotel era a casa do compadre e o restaurante, o lauto farnel que se trazia de casa. Ninguém tomava cocas ou crushes pelo caminho, mas apeava próximo às fontes para beber água fresca, ou ia a algum curral tomar em canecas de alumínio o leite mungido na hora.

Meu avô costumava viajar com o irmão num par de bruacas escanchadas no dorso de um burrico. Era grande demais para o colo da mãe, já ocupado por outro filho menor, e ainda pequeno para montar sozinho, governando o animal feito o pai e os irmãos maiores. Era assim que se locomovia na paisagem agreste dos carnaubais cantantes dos buritis em leques, a numerosa família nas andanças de feira e romaria. Pois foi numa dessas viagens que uma tia-avó, já mocinha, de longos cabelos trançados em coque, ficou com a cabeça enredada num galho baixo da estrada, o corpo pendurado no ar que nem caju maduro. Só quando o cavalo adiantou-se, lampeiro e solitário, é que a família, alarmada, voltou-se e deu com o quadro.

Na minha infância sedentária e urbana, esse episódio tinha o gosto das fantásticas aventuras do barão de Munchausen, que eu lia, sôfrega, pulando sobre as palavras desconhecidas. Além disso, meu avô tinha um fraco por estórias de

viagens. No seu repertório figurava a dos macacos que atravessavam um largo rio, pendurados uns nas caudas dos outros e a do caboclinho magro que viajara horas dentro de um paraná, amontado na cacunda de um jacaré, até que o bicho, desconfiado do peso, levantou a cabeorra arreganhando os dentes, mas o caboclinho, esperto como qu, agarrou-se mais que depressa num cipó e sumiu no meio da folhagem espessa. Mas minha tia-av, enganchada na árvore, era fato testemunhado pela família inteira.

As estradas de então serpeavam pela terra, simples picadas de margens oscilantes onde se intrometiam cajueiros e arbustos de pequeno tope e onde as chuvas estendiam uma cama de mato eriada de carrapatos e áspera de urtigas. Era preciso escolher a época do ano, porque nem sempre se podia transitar. Se as chuvas amiudavam, além do matagal havia o perigo de atoleiro, de pancada d'água pelo caminho, em muitos trechos deserto, sem um alpendre para abrigo. Viajava-se no tempo seco,  boa sombra de amplos chapéus de palha, e nas primeiras horas da tarde, acampava-se ao p de um aglomerado de árvores ou de alguma touceira de bambu, esperando o sol quebrar a brabeza.

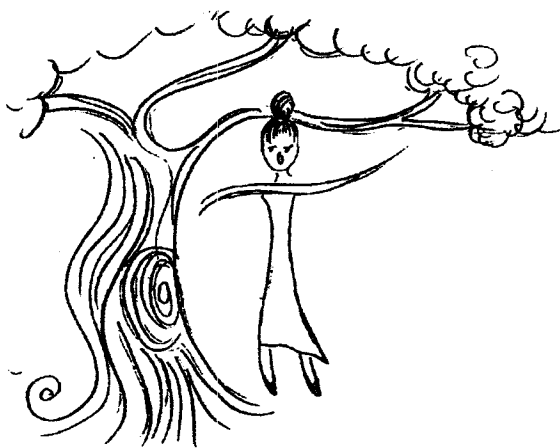
Apesar dos anos, em muitos locais as condies de viagem não modificaram muito. Bicicletas e lambretas ainda não aposentaram o lombo do cavalo. Tampouco o relinchante carro de boi pode ser recolhido aos museus como relíquia de um distante passado agrário. Estão por aí mesmo, nos arredores

de Brasília, os sertanejos galopando no afã de suas fainas, as carroças abarrotadas de lenha para os fogões caipiras.

Há três anos apenas, atolamos com uns amigos, a caminho de Goiás velha. Lembro-me do inútil esforço do Volks girando as rodas dentro de uma invencível lama, os motores rosnando como animais enfurecidos. O socorro chegou-nos na pessoa de um fazendeiro, conhecedor das tretas do seu chão. Mas não chegamos a perder a paciência, não corresse em nós o sangue de nossos avós. Éramos desse tipo de gente que não se contenta com os cartões postais. Não queríamos apenas a paisagem, mas a emoção de nos implantarmos nela, sorvendo o cheiro de argila dos potes a secar ao sol, de vela nas igrejas, dos gordos requieijões vendidos na rua, com o sabor das viçosas pastagens por onde o gado se espojava sonolento.

Hoje, o progresso chegou por lá, e grande parte do Brasil recortou-se de estradas, que tratores e asfalto tornaram sólidas e transitáveis a qualquer época. Trocou-se o perigo das cobras pelos acidentes de tráfego. Mas é esse roçar pelo perigo, esse abrir o peito ao imprevisto, que faz o encanto das viagens. Não me falem da aventura em segurança total, promovida pelas excursões turísticas. Subsiste sempre a possibilidade de batida, de enguiço. Os pneus não têm horário pra furar. Uma dose de bom humor é mais necessária do que um programa, já que a melhor bússola é sempre a fantasia pessoal.

Nas viagens deve-se esquecer do relógio em casa e reivindicar o roteiro tonto das borboletas que se retardam sobre as flores dos caminhos, pois nunca se perde tempo quando uma viagem pode ser repetida na saudade.



O tempo e os juro

Na roupa surrada e de cores que não obedeciam à harmonia, nem aos ditames da moda, começou a falar de suas propriedades.

Nunca me impressionei com a aparência das pessoas, e, até para contar a verdade, tenho muita cautela em dar-lhes fé. Se, por acaso levemente, num primeiro impulso, me alço a algum juízo escorado nela, num segundo momento procuro corrigir-me.

No entanto, confesso que aquilo me surgia inverídico. Um homem daquele jeito falando-me em propriedades! enfim, como nem sempre a verdade é verossímil e convém na rotina estar pronto a aceitar o imprevisto, controlei-me e não mostrei espanto. Como ele beirasse os setenta, acudiu-me a ideia de que fantasiava e que, inocente, se recompensava de velhas frustrações. Sabia-se lá que amarguras não lhe arqueavam as costas?! Fazia-lhe bem propalar riquezas? Ótimo! A mim nenhum mal causava. Sou vacinada contra certas invejas e, graças a Deus, se sobra liberdade para que cada um beba seu bel prazer na fonte que mais lhe aprouber. Falou-me de terras, terrenos, lotes, loterias, títulos e ações. Percebendo, talvez, minha indiferença, ou procurando-me convencer da minha descrença não camuflada, tirou do paletó duas fotografias.

- Veja! são três casas iguais, todas com fachada para o nascente, amplos cômodos e em local aprazível.

Quando elogiei o jardim, na invencível nostalgia de moradora de apartamento, perguntou-me se queria comprá-las. Estive a dizer-lhe que sim, só porque não acreditava muito na existência delas, a despeito das fotos que pareciam remanescentes de um mundo longínquo e agonizante. Aceitando comprar coisas hipotéticas, eu estaria comungando de seu sonho, pra mim uma divertida aventura. Sem um tostão de meu, era uma transação ilusória, consentida de parte a parte! Entretanto, o hábito de situações rotineiras embargou-me. Recusei dizendo que me consolava com jarrinhos de gerânios no peitoril da janela. Para a minha pobreza, um jardim era um feudo, e o latifúndio incompatível à minha consciência.

Adivinhando na explicação um laivo de protesto, capaz de magoá-lo, amainei:

- O senhor sabe, os tempos são outros. De meus pais só herdei o nome honrado da família, e o mundo já está muito repartido. O quinhão dos outros não me interessa. O dinheiro para adquirir a parte de alguém, não passa pelas minhas mãos. Veja, como são pequenas.

Ao que ele me atalhou:

- Uma pessoa tão moça desanima assim do trabalho?

- Talvez eu trabalhe pouco, mas, se trabalhasse em dobro, não teria tempo para olhar as flores, e o jardim perderia sua razão de ser. Então, por que comprá-lo?

- Já vi que a menina não entende de negócios.

Foi aí que de fato me arrependi de não ter efetuado a barganha. Se as casas de fato existissem, pelo meu faro aquele tipo de casas vinha sendo demolido dia após dia, eu me empenharia, pois os empréstimos encorajavam as extravagâncias e eu poderia arranjar outro emprego. O fato é que ele pedia por uma, apenas a barateza de 17 milhões. Quando estranhei o preço, ele explicou: - É que ficam no Maranhão, bem longe da capital.

- No Maranhão? E o senhor está querendo vendê-las aqui em Brasília?

A meu ver, ele também não entendia de negócios. Foi quando ele assumiu ares paternais:

- Aposto que a menina não sabe economizar. Dá uma de criança mimada e gasta o ordenado inteirinho em rebuçados e pipocas. Aprenda a lição deste velho, e tirou do paletó uma caderneta gorda e grossa e disse: - Veja!

Lá estavam assentados, em duas folhas de letras trêmulas, seus gastos cotidianos: as magras gorjetas, o cafezinho, o corte de cabelo, a comida,

o transporte, a pousada. Tudo devidamente subtraído das rendas e juros bancários.

Dei por vistas as páginas. Aquele orçamento não tinha o menor efeito normativo pra mim. Muito cioso de seu dinheiro, esbanjava tolamente seu tempo.

Devolvi-lhe a caderneta sem maiores rodeios. Não havia a mais remota possibilidade de ponte entre nós. Era um desses pobres coitados que adoravam a passagem do tempo porque os lucros bancários iam aumentando.

café — 1 cr\$

trem — 3 cr\$

pousada — 5 cr\$

Ah, os discursos...

Minha alergia a discursos é doença crônica, incurável. Data das palestras em meu grupo escolar, quando, cerimoniosas, as professoras trocavam a linguagem que conhecíamos por outra suntuosa e estranha. Aqueles vocábulos com cheiro de dicionário tinham o dom de nos desnortear, de acentuar em nós a sensação de pobres burrinhos. Nessas solenidades eram indefectíveis os "colendos", os "egrégios", os "eméritos", todos termos de exaltação oficial.

A bandeira, aquele familiar pedacinho de pano verde-amarelo, virava "lábaro pátrio". Oferenda, minha gente, passava a "oblata". Escola era, para todos os efeitos "educandário". A data que se festejava, sempre "magna". Nenhum morto era mencionado sem que se justapusesse o adjetivo "inolvidável". Para nós, crianças de então, era o dia do latim, porque naquele tempo, também as missas eram em latim. De certo modo, suportávamos humilhados a "dispicienda" chuva de tão "acérrimos" termos. Contávamos as palavras inéditas nos dedos da mão e do pé, mas seria necessário recorrer aos fios de cabelo se perseverássemos até o fim. Por pouco não perdíamos o nexa, a ideia central.

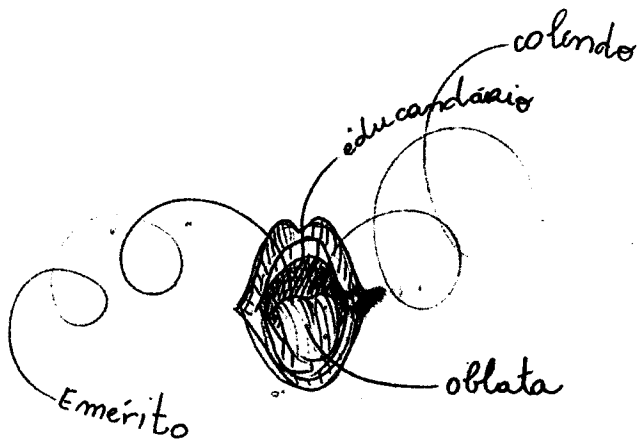
Havia um tique que nos deixava indignados e que batizávamos de provocação. A professora confessava, durante longos minutos, a sua incapacidade para a "incumbência" que lhe excedia os méritos, a injustiça da escolha haver recaído

sobre sua pessoa, quando outras muito mais bem dotadas poderiam melhor desempenhar aquela missão de porta-voz. Era a hora dos "não apoiados", que papagueávamos em coro, até que um dia resolvemos fazer greve e concordar em silêncio com o ato de pseudo modéstia. Mas até lá já começávamos a botar corpo de gente e preparar o exame de admissão...

Graças a Deus, os tempos hoje são outros. Não mais se castiga crianças com essa retórica, companheira de réguas e sabatinas. Apenas uma geração moribunda, ainda não vacinada contra "a falácia" dos "ouropéis", ainda vinga por aí, sem perder ocasião para seu show de grandiloquência. Gera-se então um espetáculo divertido: de um lado, a engravatada gravidade dos oradores, de outro, a plateia descontraída e informal, amordaçando as gargalhadas por força do decoro. Impacientes, remexemo-nos nas cadeiras, face ao fogo-de-artifício do eruditismo de bolso. A demagogia dá-nos bocejos. Perorações, frases lapidares, circunlóquios são hábitos de um século morto. Carecemos cada vez mais da comunicação direta e rápida. Por isso mesmo o telefone suplantou o correio, por isso mesmo pesam-nos as tiradas verbais das solenidades públicas, que embargam nossa ansiedade retardando o espetáculo propriamente dito, os prêmios, a recepção com seus comes e bebes.

Penso sempre na sabedoria de meu filho, ao me pedir que lesse um comentário sobre célebre quadro das cenas de Bruegel. Quando terminei, perguntou-me

surpreso, por que haviam escrito aquilo, se bastava um olhar pra gente saber de tudo? Na sua pequenina cabeça, ele já percebia o blefe à expectativa de que as palavras deviam comunicar algo, e que, quando isso não acontecia, elas se tornavam superfluas e exigiam silêncio.



Questão de linguagem

Durante muito tempo as preocupações literárias hipertrofiaram minha visão da realidade. Era como se eu não quisesse ver o mundo diretamente, mas através da interpretação dos artistas, tomando de empréstimo a visão pessoal de cada um. Depois, cansei-me e menos humilde, resolvi ter de cada coisa e fato uma sensação mais livre, descomprometida e virgem. Nisso favoreceu-me a precariedade de minha memória. Nada me havia marcado tão fundo a ponto de se interpor a cada momento que eu considerava inaugural. Passei a ler menos e observar mais. No final das contas, as pessoas eram sempre a matéria prima dos personagens e destes, aquilo que me chegava eram imagens esquemáticas e incompletas. Se, muitas vezes, graças ao extraordinário poder de análise de alguns escritores, eu chegava a conhecer-lhes o íntimo, o que havia de noturno em suas almas, por outro lado, me divertia, tentando decifrar o mistério que certas pessoas reais representavam pra mim. Ocupação bem mais emocionante. Passei a considerar a obra que as criaturas iam vivendo e descobri que nisso havia sabedoria e arte, ao lado da passiva aceitação do destino.

Foi quando me democratizei e comecei a dar ouvido ao linguajar das pessoas do povo, tão rico de rasgos criadores. Deixei de pesquisar metáforas nos poetas e pus-me a escutar a voz das crianças batizando o mundo. Ouvi meus filhos chamando a

chuva de "banho de planta", os rios de "piscinas fugindo", os sinos de "barulho de papai do céu".

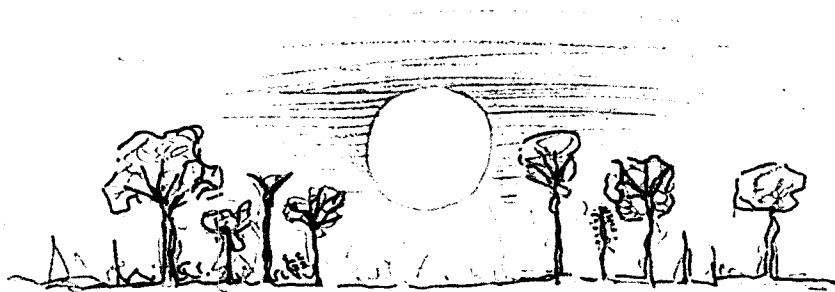
Certa vez, viajávamos de trem por Goiás na época das queimadas. Debruçados nas janelas, nossos filhos, mudos de espanto, assistiam ao crepitar dos matos se estorcendo sob labaredas dentro da noite. Nos olhos deles podia ver chamas menores que as da vela misturarem-se ao brilho de alegria e entusiasmo. Afinal, tratava-se de um espetáculo! Depois, dormimos em beliches estreitos que nos deixaram com saudade de nossas camas folgadas e macias. Ao alvorecer do dia seguinte, saltaram dos lençóis que nem cabritos e arregaçaram as desbotadas cortinas do trem. Então, um deles disse: - A fogueira de ontem à noite sobrou! Ainda tonta de sono, levantei-me a ver a fogueira e dei de cara com a aurora - um sol rubro e radioso incendiando a mata!

Outra ocasião estava eu no parque, quando se aproximou de nós um guri soprando gaita. Logo as crianças fizeram-lhe cerco, eletrizadas pela música e a novidade do instrumento:

- Me empresta um pouquinho esse piano de boca?

Fiquei pensando como muitas vezes o conhecimento ia destruindo a capacidade de inventar, amordaçando a intuição. Breve, aquela mesma criança aprenderia a designar pessoas e coisas por seus nomes convencionais, e o ato nomear deixaria de ser criador, reduzido a uma resposta da memória.

Entristeci-me por alguns momentos até lembrar-me de que haveria sempre crianças inventando o mundo. E poetas ressuscitando a infância.



Laranzul, laranzuxo

Ali estava o encanto de meus olhos: uma explosão de cores cuja intensidade degenerava em violência. O quadro como que se insubordinava contra a neutralidade anódina da parede, um cinzento pacífico e discreto. E a mulher — refastelada no lombo de um animal azul, que segundo uns era cachorro de raça desconhecida e segundo outros, ovelha ou cabra, dessas esquálidas dos rebanhos nordestinos — instalava-se tão à vontade como numa cadeira de balanço ou no dorso de um cavalo.

A estranha montaria deixava a gente com aquela sensação do exótico, tipo anão cavalgando elefante, palhaço escanchado em girafa, domadora presa às crinas de leão.

O velho vício de raciocinar põe a gente em alarme para descobrir aquele equilíbrio milagroso de um animal pequeno sustentar sereno e altivo o peso de uma mulher, não gorda, mas cujo aspecto adulto nos sugere um respeitável esqueleto. O certo é que o animal não se ajoelha nem parece arquejar vergado sob a cavaleira-dama, e também não se pode dizer que seja um bicho de pau. Se está parado sobre suas duas únicas patas, nem por isso é animal de pose, nem se confunde com os cavalinhos de fotógrafo que fazem a alegria e a falsa bravura das crianças na cidade. Creio que é o seu olhar que nos

confere a dignidade de assento, prestada mais por gentileza do que por sujeição.

De repente até se pensa num andor, a mulher com longos cabelos de madona e uma oferenda de frutos ao longo dos braços, parece seguir no rumo de alguma procissão. E não faltam as borboletas em séquito, dessas mais rajadas e de colorido mais espalhafatoso. O contraste oriundo das asas e do animal azul, o vermelho do vestido-túnica da mulher, o amarelo e o rubro dos cajus, e a paisagem em torno esbanjando colorido, faz a gente trocar o andor para corso de carnaval, carro alegórico com fitas serpentinas e sedas berrantes. Se o rosto da mulher trai a simplificação grosseira da máscara, também apresenta algo de hierático, palidez de cal e mármore, imobilidade de santo de igreja, os quatro dedos de sua mão e de seu pé, advogando-lhe condição excepcional entre os homens comuns, ditos normais.

Para coroar a especialíssima figura, um imenso camarão dourado diadema-lhe a cabeça alçando-se sobre seus cabelos e dirigindo-se em bote voraz para a cesta de cajus, que ergue do colo. Não se sabe por que artes do demo o camarão sobreviveu às águas do mar ou do rio de onde emigrou e nem como adivinhou a doce água dos cajus. Suas proporções avantajadas e a acrobacia aérea logo nos confirmam a tônica de um mundo mágico; com bichos de pelo azul e criatura humana irmanada aos animais, como, se entre eles e não alhures, se estabelecesse um reino.

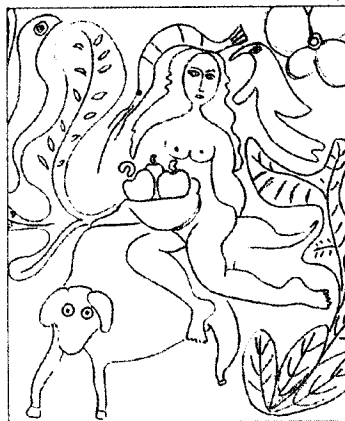
E há também árvores, ou melhor, cactos alfinetados de espinhos, encimados de fabulosas flores, tão pujantes que entoam, cânticos de vitória à seca e à aridez do chão.

O fundo do quadro não é menos grave. As crianças que se sentiram dentro desse mundo de emancipação lógica, para nós um esforço de consciente despojamento, o definiram sem demora:

- É laranzul! (de laranja mais azul) somando as parcelas num todo. Enquanto a outra corrigiu:

- É laranzuxo! Não vê que tem roxo também?

A palavra mágica para o mundo de magia, além de nossas fronteiras, já nas terras do sonho, nomeava o quadro de Alexandre Filho.



O Grã Circo Norte-americano

Os olhos do leão quase choravam. Seu olhar trazia a expressão melancólica de rei destronado. Os leões que eu conhecera nos circos da infância conservavam a altivez inerente à majestade. Sentia-se neles a orgulhosa distância com que tratavam os domadores e as arquibancadas — a maneira de externarem seu desprezo. Mas o leão do Grã Circo Norte-americano, tristonho e poeirento abria bocejos de enfado e exibia a dignidade castrada.

Por entre as carroças de grades, os transeuntes iam-se aglomerando, famintos das migalhas de aventuras que os animais, vindos de tão longe, através de périplos atlânticos e pacíficos, ofereciam com a presença mais pura, desengajada das glórias e das vaias do espetáculo.

No descampado da W3, iam chegando os caminhões berrantes, estampados de focas equilibristas, louríssimas moças em biquínis de lantejoulas, cavalgando cavalos brancos, indus condecorados de cobras engolindo manjares de chamus e pregos.

Era de tal modo triste contemplar aqueles bichos exilados da selva e do picadeiro — polos em que gravitava o destino dos animais raros que, automaticamente, procurei a compensação dos palhaços. Não que eles me purguem das tristezas, mas têm o dom de alegrar as crianças em vez de inspirar-lhes admiração ou medo.

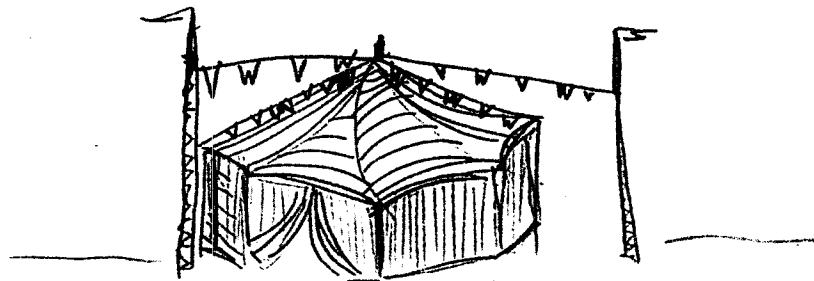
Ouvi risos nas vizinhanças de uma das carroças e por lá farejei um palhaço. Nada. O motivo das risadas era aflição da girafa tentando libertar o longilíneo pescoço de entre as barras, quem sabe esfregar a cabeça em alguma almofadinha de nuvem.

Continuei procurando palhaços porque , a meu entender, num circo podia faltar o prestidigitador, o trapezista e até os bichos raros, mas nunca os palhaços. Muitos circos subdesenvolvidos têm acampado nas areias vermelhas de Brasília, muitos circos sem o fausto de animais africanos e asiáticos, muitos têm erguido o imenso cogumelo de lona, na paisagem urbana e suburbana desta cidade. Nenhum, ao que eu saiba, abriu mão dos palhaços. Onde andariam os daquele grã circo?

Sempre senti o circo como mensagem de alegria anacrônica, expressão de um mundo que, por sua simplicidade, se tornara perempto. O circo não havia evoluído tecnicamente a ponto de enfrentar a concorrência do cinema, mas minha intuição cochichava que ele não seria mutilado no que lhe era vital. Acabaria por achá-los em algum lugar se saísse em caça pela cidade.

Depois de pequena espera – a vida urgia e eu não me podia deter remoendo gozos da infância – prossegui pela W3. À altura da Escola Classe, encontrei os palhaços. Os mais originais que conheci. Não mais vestiam calças de fundilhos folgados nem os bufantes babados a pierrô. Elegantes, empertigados, ostentavam conspícuos

ternos de casimira, calças vincadas, colarinhos tesos de goma, cabelos bem comportados cheirando à brilhantina. Um deles gritava, agitando a mão direita em gesto retórico: Pela família cristã, contra o flagelo do comunismo, contra a abolição da propriedade privada! Outro, agitava uma flâmula medieval onde um brasão dourado evocava sabe-se lá que aristocracia extinta. Dois ou três colhiam assinaturas dos passantes, que vítimas da ilusão, em vez de sorrir, desciam de invisíveis arquibancadas ao picadeiro, a fim de tomar parte na farsa.



Um Natal diferente

Naquele ano, em vez de viajarmos ao Rio ou à Goiânia, a fim de passar o Natal por lá, entre nossos velhos familiares, resolvemos celebrar em Brasília mesmo. Tudo seria diferente, pensávamos.

Convenci as crianças de que procuraríamos fazer tudo, recorrermos o mínimo às lojas da cidade. Assim, em vez de comprar um pinheirinho à venda no mercadinho japonês da quadra, saímos buscando um arbusto seco no cerrado perto de casa.

Encontramos um miúdo, bastante esgalhado, que plantamos num vaso de argila que havíamos trazido de Goiás. Este era de boca larga, assim o enchemos com jornais amassados para fixar nossa faz-de-conta árvore. Em vez de pendurar nos galhos as coloridas bolas de metal e vidro, fomos colocando redondos bombons de chocolate, prendendo-os com laços de fita vermelha.

Foi quando nosso amigo Zé Chuva, o poeta Godói Garcia, tocou a campainha trazendo-nos de presente da fazenda dele, um leitão ainda pingando sangue.

- É para a festa de vocês!

Além de surpresa, fiquei um pouco assustada. Meus filhos eram bastante urbanos e depois que viram a tia matando frangos no quintal da casa da avó, recusavam-se a comer os animais. Protestavam revoltados com aquela maldade, pois já tinham se afeiçoado a eles, correndo atrás em brincadeiras, dando-lhes milho na palma da mão.

Mas agradei comovida a lembrança do Zé Chuva. Era um gesto muito original, tudo a ver com a vivência interiorana da proximidade com a terra. Lembrei-me de que na minha casa em Manaus, recebíamos muitas tartarugas, tracajás e peixes e distribuíamos em alguidares aos vizinhos, mangas, goiabas, cajus e abius, tudo que excedia nossa capacidade de consumo.

Pensei que, se a missa de Natal não fosse tão tarde, poderíamos ir todos juntos à igreja, pois o nascimento de Jesus era, antes de tudo, uma data religiosa. Mas não conseguiria impedir-lhes o sono, eu mesma já pingando de cansaço com a trabalhadeira para o jantar.

Talvez descobrisse em algum lugar um presépio onde pudessem ir, a fim de contemplar a beleza daquele menininho divino adorado por todos, reis, pastores e até animais. Na minha meninice, construíamos um presépio em casa, sob a orientação de minha avó, que possuía em louça todas as figuras fundamentais. Depois, íamos ao centro ver de perto o cenário de Branco Silva, com todos os figurantes em tamanho natural.

Mas agora, os tempos eram outros, assim quando muito passearíamos entre as lojas iluminadas e as vitrines de brinquedos.



Três dias em um ano

Devo ser exigente, pois sempre tive queixas de Brasília. Talvez por conta da imaginação desenfreada, tenha esperado encontrar aqui o que não existe em parte alguma sobre a terra. Afinal, não é fácil a gente se libertar de édens, eldorados, atlântidas – a geografia fora do espaço, onde habitamos no anseio ou na nostalgia. O romantismo sempre foi incurável doença humana e não um capítulo da história literária ou passageira moda do século XIX. Não tenho pejo em declarar-me enferma. Mas já ouvi gente de espírito prático, gente que se vangloria de peitar a vida de frente (como se ela fosse animal brabo que se amansa) fazer à Brasília as mesmas restrições que eu. De certo modo, acontece a esta cidade o que costuma acontecer com as crianças. Ainda não se afirmou, impondo sua personalidade própria, irreversível. Por isso, todos nos julgamos no direito de exigir dela o que cobraríamos de nossos filhos – em quem projetamos nossos sonhos de asas quebradas, o prosseguimento de programas interrompidos. Há muito de absurdo nessa atitude, pois estamos vinculados, muitas vezes, a exigências passadistas, até mesmo caducas. Mas como nos furtarmos a esse jeito de existir, querendo fazer do destino um tecido de nossas mãos e deixar sobre a terra o rasto de nossa passagem?

Não reivindiquei para Brasília, os casarões de amplas varandas engrinaldadas de redes, nem jardins privativos com cadeiras à porta nas

noites, nem pracinhas, nem banda nos coretos. Sou bastante moderna e modesta. Quem quiser que fale mal de apartamento, não eu. É, a meu ver, mais simples, mais higiênico, econômico e seguro.

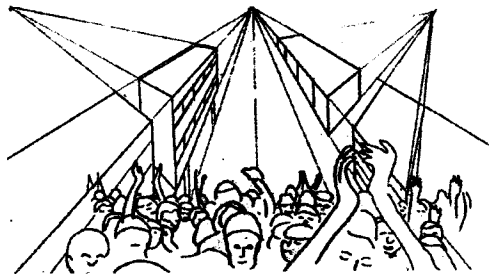
A minha frustração com Brasília vem não só da ausência de verde, pássaros e mar, o que poderia ser acusado de sentimentalismo saudosista de moradora da Guanabara, mas sobretudo, da falta daquele conagraçamento humano das praias regurgitantes aos pés de um oceano ecumênico, do calor de vida que se experimenta nas ruas Ouvidor e Rio Branco, por onde a densa população transita em suas mil e uma ocupações. Por favor, não mencionem a infinidade de clubes privados de Brasília, pequenos parênteses burgueses onde se repete o erro dos grupos homogêneos, que perpetuam a segregação. E não me falem também na W3 por onde desfilam chambords, volks, dauphines, aero-willies e outros quatro rodas, em vez de fulanos, sicranos e beltranos.

Como se não bastasse a incomunicabilidade congênita do ser humano, a inapelável solidão de cada um, estamos condenados a uma cidade deserta, demasiado ampla. Carregamos a carga de viver os 365 dias do ano vendo pouquíssimas pessoas, não porque a população da cidade seja pequena, mas porque não há convívio entre os moradores, que não usam transportes coletivos, nem palmilham percursos comuns. É claro que não me refiro à convivência em pequena escala, intramuros, familiar da qual os que

mais usufruem são os ociosos ou nascidos em berço esplêndido.

Mas eu disse os 365 dias do ano? Perdoem-me o engano. Podemos subtrair deles três dias de comunhão para a cidade. São os dias da Festa dos Estados. E a grande virtude dela não está na pseudo filantropia de angariar fundos para a Casa dos Candangos. Isso fede mesmo à esmola. Todo mundo informado sabe do que é que o candangó precisa. Para a maioria das damas de nossa sociedade, a festa é um pretexto passageiro para exibirem seus dotes alienados - de elegantes num país de maltrapilhos ou de exímias quituteiras de um povo que passa fome.

A grande virtude da Festa dos Estados é que se podem encontrar circulando, num mesmo recinto, os que têm dinheiro e os que não têm. O que pode ser a aurora para um conagraçamento mais perfeito no futuro, conforme o sonho dos que conceberam a nova cidade e que alvoroçou muitos brasileiros a ponto de abandonarem seus pobres lares de dentro do mato, atraídos pela esperança de novos tempos.



Morte de Vivien Leigh?

Segundo o jornal, Vivien Leigh morreu. Mas os jornais se contradizem e mentem. Os jornais, meus amigos, não sabem de nada. Eles se contentam com as aparências, banqueteam-se no episódico. Quem quiser saber das coisas por dentro, não se confine às suas palavras apressadas e de curta vigência. Frequentemente o jornal de amanhã tornará o de hoje mentiroso, o de depois de amanhã desmascarará o de ontem.

Em compungidas manchetes dizem que a atriz inglesa Vivien Leigh acaba de falecer, vítima de um acesso de tuberculose, aos 53 anos de idade. E o grande erro logo se evidencia: como confundir Vivien Leigh, a festejada atriz, com essa cidadã inglesa cinquentona acometida de tuberculose?

Qualquer semelhança é mera coincidência. É claro que os jornais não gastam papel e tinta para falar de pessoas desconhecidas e obscuras, mas nem por isso essa Vivien Leigh que morreu é a Vivien Leigh que conhecemos. Os jornais é que metem os pés pelas mãos confundindo duas pessoas distintas, uma vez que se referem à artista e nos dão uma notícia relativa à cidadã.

Não estou sofismando e simplesmente tento deslindar o que me parece leviandade absurda, a brutal incoerência de se falar em morte do artista por ocasião do desaparecimento de sua pessoa civil. Afinal, a sua sobrevivência ao enterro é

prerrogativa que o bom senso não lhe pode negar, uma vez que os artistas se identificam com a sua obra, emancipada de certas contingências, inclusive do atestado de óbito do autor. De fato, a imortalidade não é coisa que se possa tomar em termos absolutos, *ad infinitum*. No entanto, para que se possa falar com propriedade na morte da atriz inglesa, muitas calamidades e catástrofes precisariam ocorrer. Por exemplo, um incêndio em todas as filmotecas do mundo, a ponto de não restar nenhuma película sua disponível para cópia. Nenhuma possibilidade de rever a "Ponte de Waterloo" e "O vento levou". Eis, sim, o que se poderia considerar um atentado à vida da artista. Restaria, porém, toda uma bibliografia cinematográfica, documentada por numerosas fotos. E a artista estaria parcialmente salva. Suponhamos que o mesmo incêndio, que devorasse as películas, tivesse consumido os livros todos e as fotografias, ainda assim a atriz poderia sobreviver por alguns anos, arquivada na memória de sua geração. A atriz Vivien Leigh só morreria com a morte de seus contemporâneos, com a chance de sobreviver mitificada em lendas que cavalgam séculos.

Por tudo isso, pela remota probabilidade de tantas catástrofes em cadeia, é que Vivien Leigh continua vivinha da silva. Em pleno gozo de seu viço e beleza. Talvez mais viva estes dias que algumas semanas atrás, quando as manchetes não haviam levantado essa calúnia sensacionalista, alvoroçando a lembrança de todos.

O que os jornais deveriam dizer é que a atriz concluiu sua obra de interpretação e desempenho, que é o que importa e pode coincidir com a morte da pessoa civil por simples casualidade, já que o artista pode encerrar sua obra em vida, como fez Greta Garbo e outras.

Muito mais melancólico do que vê-la esvair-se em hemoptises seria, para nós espectadores - nem amigos, nem parentes - ter que testemunha-la decadente, agonizando de um filme a outro, declinando em poder de encanto e desmerecendo em glória. Coisa que, louvado seja, não aconteceu.

Para o artista, a vida civil é apenas condição, válida na medida em que permite a outra, que ele passa a criar a partir de si mesmo, em lúcida luta. Graças a essa vida é que ele se distingue e torna tais notícias de jornal insuportavelmente superficiais e falsas. É por isso que nós, seus ardorosos fãs, não choramos o fato. Sabemos que ela continua, e que, se não nos dará mais filmes inéditos, poderemos encontrar novidades e até nos surpreendermos, revendo seus filmes antigos.



A mini trouxa

Estava eu ali por conta de uma comprinha, quando ele se aproximou do balcão à espera de ser atendido. Na aparência, nada de invulgar, o aspecto miserável e doentio sendo norma em nosso país. Jeito entre desconfiado e humilde, andar lento de quem não tem compromissos, o corpo arqueado ao peso de invencíveis encargos.

Como nos encontrávamos numa farmácia, calculei que buscava um vermífugo ou algum remédio tradicional. Nomes como vakamoto (um segredo do Japão), melpoejo, funchicórea e dentecálcio, passeavam em minha cabeça com a nostalgia dos extintos bondes do Rio, a divertirem os passageiros com os dizeres de propaganda. Pensei nisso porque ele não trazia nas mãos nenhuma receita. Nenhum médico hoje em dia se exporia ao ridículo de receitar os remédios recomendados por cartazes de rua e revistas.

Trazia, sim, um embrulho pequeno que eu supus tratar-se de sua carteira de dinheiro. Conhecera embrulhos semelhantes em minhas investidas pelo Brasil interiorano. A rigor, aquele embrulho mais parecia uma mini trouxa. Além de ser de pano, era redondinho e firmemente amarrado com as pontas.

O rapaz da farmácia foi chegando atrás do balcão, lápis encarapitado na orelha, o que, aliás, não combinava de jeito nenhum com a modernidade da farmácia, montada de acordo com os últimos

requintes. O moço bem carecia de uma esferográfica de bolso...

Então o homem falou qualquer coisa, tão baixo que a minha curiosidade foi impotente pra desvendar. Depois abriu o lenço e mostrou ao vendedor o tesouro. O balconista perguntou-me se eu conhecia diamantes. Respondi que não era perita, que em toda a minha vida podia ter visto uns três ou quatro. Quase todos encastoados em modestos instrumentos de trabalho usados pelos vidraceiros. Atentei para o embrulho e o que me surpreendeu foi a quantidade. Diamante, para mim, era coisa rara, nada de que se pudesse ter na palma da mão como um punhado de balinhas. Teria ele se evadido de algum garimpo? Que geografia palmilhara?

- Será que O senhor vem do Mato Grosso? - perguntou um freguês ali presente, em companhia do filho.

- Do Piauí.

- Quando muito, pode ser cristal, mas diamante não é não, sentenciei.

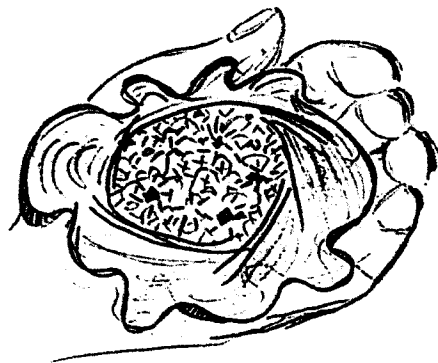
Ele se defendeu catando entre as pedras uns pedaços de cristal. - Esses sim, são cristal, mas os outros, dona, são diamante mesmo.

De repente, uma luzinha brilhou dentro de mim. Os diamantes eram estilhaço de vidro de automóvel. Nas estradas de Brasília ocorriam acidentes todos os dias.

- Onde o senhor encontrou seus diamantes?

- Na terra que é o lugar deles.

Nessa hora, o menino, filho do freguês, lembrou-se de que na calçada alguém deixara quebrar um espelhinho de bolsa. Foi até lá e, apanhando seus cacos, perguntou se ele conhecia aquelas pepitas de prata.



A convivência com o poder

Certo dia os filhos mais velhos chegaram, da colônia de férias da escola, cantando canções militares e marchando. Achei estranho. Ainda não me dera conta da vascularização da autoridade, imposta àquele nível infantil, um ano acima do jardim da infância. Assim, encerrei a frequência deles ao programa, que inocentemente me parecerá agradável e propício para as férias.

Outro dia, durante um período de escassez no abastecimento alimentar, tinha-se o socorro de um leiteiro, que vinha de carroça de uma fazenda dos arredores, trazendo bujões de alumínio cheios, para atender ao fornecimento dos moradores da quadra 114. Improvisava-se uma fila em frente ao pátio do prédio, cada qual com suas garrafas à espera da própria vez.

Estava eu no meio da fila, após paciente espera desde cedinho, quando uma dona de salto alto, toda chique e emboncada, aproximando-se do distribuidor, bateu com a mão no ombro dele dizendo: Reserva aí quatro litros para a esposa do capitão. Ao ouvir aquele abuso, vendo que as pessoas na minha frente não reagiam, irrompi furiosa e me dirigi ao rapaz dizendo: Moço, a ditadura não pode chegar até a fila do leite. Não vamos consentir que isso aconteça. Falei em nome de todos para aumentar a contundência da minha raiva. Interpretava o silêncio destes não como gesto de educação, mas de temor à autoridade. Olhei-a

severamente, pensando que se encaminharia para ocupar seu lugar na fila. Mas, ofendida pela negação do privilégio, e para não se igualar a qualquer mortal civil feito nós, foi-se embora carregando a cesta com suas garrafas vazias.

Fiquei chocada, pensando que, mesmo agora, em que saíra da Universidade em atitude de solidariedade ao professor cassado com quem eu trabalhava, e salva da situação constrangedora de reconhecer entre meus alunos pessoas que ali estavam a me fiscalizar, o clima geral da cidade era avassalador. Nunca as interpelei, evitando provocações, ignorando-as para não jogar azeite na fogueira. Mas pisava em ovos ao preparar os textos para as aulas. Resumia-me a aspectos técnicos. Nada que incitasse o debate ou pudesse derivar em conversas de cunho pessoal. Houve dia em que dois homens desconhecidos me pediram para revistar os papéis da minha pasta.

Lembro-me de quando, numa ausência de meu marido em tratamento numa estação d'água de Minas, vários colegas foram ao meu apartamento aconselhando-me a sumir com os livros de esquerda e de teóricos marxistas de nossa razoável biblioteca. Afonso era socialista e viajara à Rússia na companhia de Jorge Amado. Eram frequentes as buscas de policiais por material considerado subversivo. Contavam-se como piada os absurdos enganos dos policiais desinformados, cuja missão era apreender os livros suspeitos.

As comunicações eram difíceis, mas um amigo disponibilizou-se a informar Afonso sobre tais perigosas visitas, valendo-se de um rádio amador. Agradei as gentilezas, mas não me apavorei e mantive os livros guardados em caixas de Modess, escondidas no armário entre as roupas de cama, mesa e banho. Sabia o quanto os livros eram preciosos para nós e pensei que a Idade Média já estava muito para trás.

À boca pequena comentava-se o desaparecimento da filha de uma vizinha amiga, bem como a inutilidade das buscas para localizá-la. Só se sabia que o namorado dela era um jovem revolucionário, decidido e corajoso. Uma de minhas alunas me confidenciara apreensiva a ausência do irmão, sempre atento e cuidadoso com a família.

Certa colega chegou a debochar da minha prudência, evitando participar de manifestações, e contentando-me apenas em assinar listas de réivindicações e protesto. Eu já abdicara da carreira acadêmica, interrompendo o mestrado e abrindo mão do meu salário, que me fazia falta. No entanto, sempre considerei como maior responsabilidade social ter que proteger meus quatro filhos. Que seria deles sem mim? Qualquer envolvimento poderia acarretar imprevisíveis consequências.

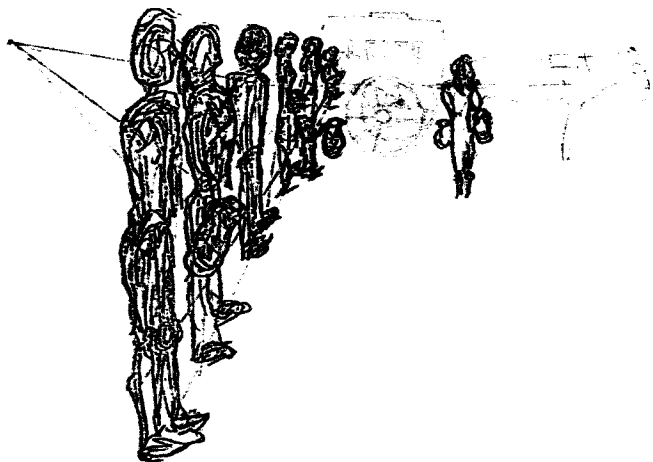
Esses acontecimentos todos me acabrunhavam, me deixavam acabada de triste. Era duro ver os sonhos de idealistas, que haviam abandonado o conforto da

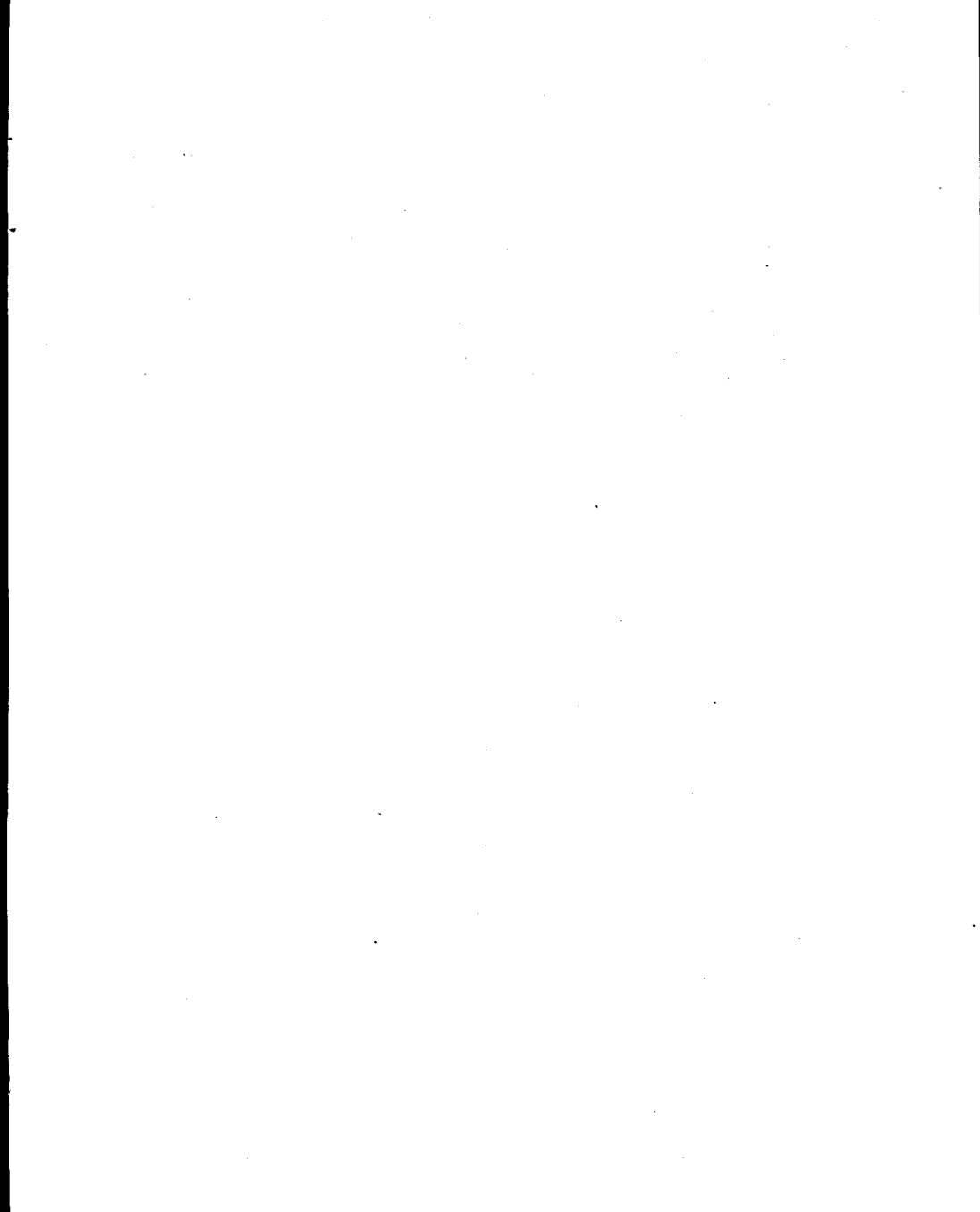
cidade e o convívio da família e dos amigos, a fim de construir um Brasil novo no deserto do cerrado, sofrerem além das privações do pioneirismo, a derrota da grande traição política.

A coisa que mais me espantava, além dos decretos e atos institucionais, e me levava à feroz indignação era aos domingos, ver o presidente Garrastazu acompanhado da esposa, ajoelhar-se e comungar como exemplar cristão. Frequentávamos aquela modesta igrejinha de madeira, num descampado paralelo à W3, por causa do espaço envidraçado, onde as crianças sem perturbar a liturgia da missa podiam correr, brincar e gritar sem constrangimento para os pais. Afinal, queríamos a disciplina sem tolher a liberdade.

No entanto, por que um homem público, da estatura de um Presidente, se esconderia naquela igrejinha de madeira em vez de expor-se na imponente catedral? Sentiria vergonha? Incapacidade de conciliar as torturas então praticadas com o exercício do espírito cristão? Ou a disciplina militar lhe havia congelado mente e coração?

Crônica escrita em fins de 69. Não chegou a ser lida no rádio.





editora Kd

Rio de Janeiro, dezembro 2017

300 exemplares

ilustrações e edição Mariana Felix

ISBN 978-85-52988-02-1

